

O que a ciência já descobriu



PROFESSOR DOUTOR
ANTÓNIO
VAZ CARNEIRO

Médico especialista em Medicina Interna,
Nefrologia e Farmacologia Clínica,
Professor Catedrático da Faculdade
de Medicina da Universidade de Lisboa,
diretor do Centro de Estudos de Medicina
Baseada na Evidência (CEMBE),
presidente do Conselho Científico
do Instituto de Saúde Baseada na Evidência
das Faculdades de Medicina e Farmácia
da Universidade de Lisboa
e diretor da Cochrane Portugal

«O *Royal College of Obstetricians and Gynaecologists* recomendou que a abordagem das mulheres grávidas deverá ser idêntica à das não grávidas»

«Se estiver grávida e for infetada pelo coronavírus, que riscos existem?»

O RISCO DA COVID-19 é o mesmo em grávidas do que na população em geral, o que quer dizer modesto, segundo toda a evidência publicada até à data parece indicar. Confirmando esta ideia, os resultados de um grande estudo no Reino Unido mostraram que, de 1 de março a 14 de abril, foram internadas com COVID-19 cinco em cada mil mulheres grávidas, das quais dez por cento teve de receber cuidados intensivos. O prognóstico destas mulheres foi excelente, o que levou o *Royal College of Obstetricians and Gynaecologists* a emitir recomendações afirmando que a abordagem das mulheres grávidas deverá ser idêntica à das não grávidas (BMJ 2020;369:m1885).

OS RISCOS PARA OS RECÉM-NASCIDOS parecem também ser muito reduzidos: a transmissão mãe-filho é rara e os bebés que se detectou estarem infetados pós-parto foram-no provavelmente por contacto com pessoas infetadas.

E NO QUE RESPEITA À AMAMENTAÇÃO NO CASO DE A MÃE ESTAR INFETADA? Não se sabe se existe transmissão vertical – mãe-filho – do SARS-CoV-2 (*Lancet* 2020 Mar 7;395(10226):809), mas os dados disponíveis até à data não o parecem sugerir (nunca foi detetado o vírus no leite materno). A decisão deve, portanto, ser casuística e levar em linha de conta, por um lado, os benefícios conhecidos da amamentação e, do outro, a possível infeção da criança pelo contacto com uma mãe com COVID-19 (com as precauções recomendadas). Uma solução pode ser a administração regular de leite materno obtido pela sucção artificial mamária até à recuperação da mãe.

CONCLUINDO, o risco da COVID-19 parece ser o mesmo em grávidas do que na população em geral e os riscos para os recém-nascidos parecem também ser muito reduzidos. A decisão de contacto e amamentação deve ser individualizada. Haverá que levar em linha de conta que a informação sobre a pandemia está em permanente fluxo, com necessidade de atualizações regulares. ★